

No fundo d'O Poço: a empatia como intermédio das relações humanas

Higor Rian de Melo¹, Rafael Gustavo de Lima², Roberto Aurélio Merlo Filho³ e Thiago Henrique de Barros Brito⁴

¹⁻⁴Graduandos de Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

Em um contexto marcado pela violência, medo e a fome, o filme “O Poço” coloca a empatia e a cooperação como bases fundamentais para a melhoria e mudança do “status quo” – e, além disso, ressalta a necessidade de crítica ao indivíduo. Frente a isso, o presente trabalho se propõe a analisar, como objetivo geral, como a empatia se apresenta através das cenas do filme "O Poço" e como esse conceito se relaciona com as condições dos personagens nesse contexto hostil, entre outras condições nem sempre pró-sociais. O método baseou-se na análise de três cenas, que retratam as visões pessimista, otimista e realista daquele contexto, sob a visão de categorias comportamentais de empatia, da cooperação e da violência. Várias relações entre a literatura e o filme puderam ser demonstradas, bem como a relação entre os conceitos e a mudança ou manutenção do contexto que circunda o indivíduo. Por fim, o trabalho conclui que os humanos se encontram fortemente sugestionados a uma competição ou cooperação a partir do contexto no qual estão inseridos e a partir de situações sociais pré-existentes, de forma que as ações pró-sociais devem estar atreladas ao senso crítico e às condições possíveis para que garantam um ambiente mais cooperativo.

Palavras chave: O Poço; empatia; cooperação; violência, fome.

Introdução

Ao avaliar o constructo teórico da *empatia*, especialmente para o campo da Psicologia, é relevante considerar a contribuição de Titchener, em 1909, quando traduziu o termo *Einfühlung* por *empathy*, de modo que o conceito de *Einfühlung* descrevia "a capacidade de conhecer a consciência de outra pessoa e de raciocinar de maneira análoga a ela através de um processo de imitação interna" (Sampaio et al., 2009), estabelecendo capacidade de compreensão entre pessoas com o mesmo nível intelectual e moral (Sampaio et al., 2009).

Ao considerar a revisão teórica de Sampaio et al. (2009), destaca-se aqui que o conceito de empatia apresenta diferentes nuances que se remetem à noção amplamente compartilhada de empatia como a compreensão alheia, o "colocar-se no lugar do outro", ou simplesmente a aproximação de pontos de vista entre diferentes seres humanos no sentido de compartilhamento de premissas à mesma observação. Assim, os autores destacam que no século XX, até a metade da década de 40, o conceito de empatia foi objeto de reflexão teórica de autores como Freud, Allport e Reik, tendo um maior aprofundamento e aplicação na prática psicoterapêutica por iniciativa de Carl Rogers, por meio de sua Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). Tal método busca estabelecer um clima terapêutico adequado, em que o terapeuta desenvolve sentimentos empáticos pelo cliente ao propiciar um ambiente de aceitação incondicional aos comportamentos, pensamentos e sentimentos do cliente.

Desta forma, enquanto para Rogers a empatia era vista não como uma resposta reflexa ao comportamento do outro, mas como uma habilidade aprendida/desenvolvida que envolve o estabelecimento de vínculos cognitivo-afetivos entre duas ou mais pessoas, Sampaio et al. (2009)

indicam que a Psicologia social, a partir da década de 60, investigou o mesmo conceito pelo viés dos comportamentos de ajuda, distribuição e mediação. Assim, Rogers se aproximou de construtos motivacionais e comportamentais para estabelecer em quais circunstâncias a empatia se tornaria mais provável em sociedade.

Neste mesmo sentido, Formiga (2016), o qual busca verificar um modelo causal entre a empatia, socialização ética e o tipo de orientação cultural em jovens, estabelece a empatia como "uma disposição funcional das pessoas para as trocas de experiências expostas, incondicionalmente, em relação ao outro [ou ainda] como uma resposta afetiva de origem evolutiva que é mais apropriada à situação do outro do que da própria pessoa" (Formiga, 2016). Dessa forma, uma pessoa empática é aquela capaz de compartilhar emoções sentidas por outra pessoa, além de atribuir atitudes e comportamentos ao outro com a função de ajudar, agregar e cuidar de outrem dentro de um sistema comum de justiça e solidariedade. Daí porque para Formiga (2016) compreende a empatia como tema transversal entre os campos da psicologia, educação, sociologia, serviço social, etc., na medida em que aspectos ora específicos, ora universais, podem permitir o aprofundamento de análises sócio-culturais que relevem o conceito da empatia de forma concreta no mundo das relações sociais.

Entretanto, Azevedo et al. (2018) consideram que muito ainda precisa ser feito para ampliar tal transversalidade, uma vez que seu estudo recente apontou que a análise bibliográfica, para uma amostra de 2007-2017, do construto empatia, concluiu que há grande concentração disciplinar do conceito na área da Psicologia (57,69%) e em saúde (32,69%), ante à pouca relação com as áreas da educação (3,84%), psicobiologia (1,92%), área da ação social e saúde (1,92%) e engenharia de produção (1,92%).

Nesse sentido, o presente trabalho se justifica tendo em vista a importância da investigação da empatia como intermédio das relações humanas, investigação esta, que está relacionada à análise dos conceitos supracitados para o convívio social e a sobrevivência humana nas sociedades. Tendo em vista que o convívio em sociedade possui diversos desdobramentos e consequências, produtos das interações humanas, entre eles, a violência, medo, cooperação, sobrevivência e empatia. Assim, espera-se com este trabalho, poder contribuir para melhor localizar a importância da empatia como enfrentamento das adversidades sociais, e relacionar essa temática à obra “O Poço”, que se torna um material de importante análise a retratar os alguns obstáculos das interações humanas.

Empatia

A revisão bibliográfica empreendida por López et al. (2014), o conceito de empatia tem sido utilizado como referencial para incluir um conjunto de *processos* diferenciados por meio do seu desenvolvimento, sua localização neuronal e suas implicações e consequências comportamentais. Estes processos, comumente chamados por termos como contágio emocional, empatia emocional, tomada de perspectiva, teoria da mente e mentalização, são tratados pelas teorias por meio das ênfases de suas explicações nos processos i) emocionais, automáticos e inconscientes, para os três primeiros termos, que consideram a percepção direta ou ii) aqueles que focam os processos inferenciais dependentes de funções cognitivas superiores, isto é, aqueles que distinguem os seres humanos de outros animais, para os dois últimos termos, em que se consideram aspectos cognitivos como a projeção e a imaginação (López et al., 2014).

A revisão de Sampaio et al. (2009) ainda considera a perspectiva psicogenética e evolutiva do conceito de empatia, de modo a compreendê-la como uma experiência subjetiva

multifacetada que, conforme preconizado pelo psicólogo norte-americano Martin L. Hoffman, o qual define a empatia como "uma resposta afetiva mais apropriada à situação de outra pessoa do que à sua própria situação". Assim, ao estabelecer que a noção de empatia sugere um desenvolvimento do senso cognitivo sobre a existência de outras pessoas, ligado ao processo de diferenciação do *self*, o psicólogo norte americano avança para os níveis de desenvolvimento sociocognitivo, isto é, em como o ambiente e as condições sócio-históricas produzem mudanças na maneira como os indivíduos irão sentir subjetivamente a empatia. No mesmo sentido de Hoffman, seguem-se os estudos de Batson et al. (1987, citado por Sampaio et al. 2009) que procuram dar ênfase qualitativa a dois tipos de reações afetivas com conseqüências motivacionais distintas: empatia e angústia pessoal. Assim, enquanto para a primeira haveria a produção de uma motivação altruísta/pró-social, na segunda conseqüência haveria a mobilização de "um comportamento mais egoísta que poderia servir como base para a empatia, a depender das circunstâncias" (Sampaio et al. 2009)

Depow et al., (2020) consideram que o sentimento de empatia muitas vezes promove o comportamento pró-social, assim como apresenta o potencial de promover comportamentos anti-sociais, como hipercompetição e até mesmo imoralidade. Assim, os autores sugerem em seu estudo que a empatia está associada ao comportamento pró-social no contexto da vida cotidiana e ao bem-estar subjetivo, de modo co-relacionado a três componentes principais de estudo: compartilhamento de emoções, tomada de perspectiva e compaixão. Ademais, os autores concluem em sua revisão, que na vida diária, a empatia é frequentemente provocada por emoções positivas, em vez de negativas, e por expressões emocionais de outras pessoas próximas, em vez de estranhos (Depow et al., 2020).

Ademais, os autores sugerem ser importante considerar ainda três correntes de pensamento dentro da Psicologia acerca do conceito de empatia: i) a empatia como traço de personalidade ou habilidade geral para conhecer os estados mentais de outras pessoas e para sentir as emoções dos outros, supondo-se para isso que alguns indivíduos são mais empáticos do que outros; ii) a empatia vista como um construto que reflete respostas afetivo-cognitivas ligadas a situações específicas, sendo, portanto, mais disposicional do que constitucional; e iii) a empatia considerada pela forma como é vivenciada por terapeutas e clientes durante sessões de psicoterapia, a considerar os humores do terapeuta e do cliente e o próprio desenrolar da psicoterapia (Duan & Hill, 1996, citado por Sampaio et. al 2009).

Além das proposições teóricas analisadas, a revisão de Sampaio et al. (2009) ainda considera a empatia pelo viés da ordem cognitiva, isto é, "em termos de processamento da informação, e/ou aspectos afetivos, relacionados ao conteúdo afetivo mobilizado no self" (Sampaio et al., 2009). Desse modo, o construto da empatia permitiria apreender uma capacidade ou habilidade cognitiva de compreender os pensamentos, sentimentos ou intenções de outras pessoas, de modo que "se afetos são produzidos na experiência da empatia, ocorrem como um epifenômeno da cognição" (Dymond, 1949, 1950; Wispé, 1986 citado por Sampaio et al., 2009).

No sentido de estabelecer um constructo psicometricamente válido, de Oliveira Falcone et al. (2008) desenvolvem a análise preliminar de um "Inventário de Empatia" aplicado ao caso brasileiro, através de análise fatorial exploratória. Assim, a partir da identificação de 16 situações de interação social, fornecidas pela literatura, os autores constroem uma escala inicial com 74 itens, baseados nos componentes cognitivos, afetivos e comportamentais da empatia, para uma amostra de 715 universitários que conclui por identificar quatro fatores representativos da

estrutura interna do conceito de empatia: Tomada de Perspectiva, Flexibilidade Interpessoal, Altruísmo e Sensibilidade Afetiva.

Não menos importantes são as condições teóricas próximas à biologia cerebral que consideram o conceito da empatia como a existência de aspectos ideomotores nas respostas empáticas. Assim, ao basearem-se no princípio ideomotor de William James, autores como Decety & Jackson (2004), Enz & Zoll, (2006), Preston & De Waal (2002), ao observar os movimentos de outra pessoa, sugeriram a hipótese de que "os neurônios-espelho localizados no córtex sensorial poderiam disparar e pré-ativar o córtex motor do observador" (Enz & Zoll, 2006 citado por Sampaio et al, 2009), influenciando este a ação e execução de movimentos semelhantes àqueles da pessoa observada. Assim, baseados no modelo teórico chamado de *Perception Action Model* (PAM), os autores explicam tais mecanismos neurológicos como aqueles que possibilitam aos humanos o compartilhamento de "representações e sentimentos dos seus semelhantes através da percepção", de modo que estudos com neuroimagens funcionais evidenciam uma *ressonância afetiva*, por meio da ativação de circuitos neuronais do córtex pré-motor, do lóbulo parietal e da área motor suplementar de um sujeito no momento em que este percebe outro sujeito realizar essa mesma ação, reforçando "a hipótese acerca da existência de um componente ideomotor na empatia" (Decety & Jackson, 2004; Preston & De Waal, 2002 citado por Sampaio et al. 2009).

Por fim, é relevante abordar a temática da empatia refletindo acerca do consenso entre os teóricos a respeito da forte influência que a empatia pode exercer nos processos de tomada de decisão, ao cuidado, ao respeito e à moralidade. Assim, o desenvolvimento cognitivo-afetivo relacionado à compreensão teórica da empatia pode subsidiar a realização de programas práticos

de intervenção voltados à promoção de habilidades sócio-afetivas, especialmente voltadas à evolução de padrões de julgamentos individuais e de comportamentos morais socialmente determinados no campo da educação moral (Sampaio et al. 2009).

Cooperação, medo, violência, sobrevivência e fome

“Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas” (de Assis, 2019, pp. 59), tal é a máxima do “humanitismo” – teoria de Quincas Borba, presente no romance homônimo, escrito por Machado de Assis. Para chegar nessa máxima, o personagem relata um caso em que duas tribos guerreavam pela posse de batatas, as quais seriam suficientes para alimentar somente uma tribo. Tal característica do contexto fez com que a guerra fosse sinônimo de conservação, e não a paz, onde reina a competitividade - e a cooperação não tem vez.

A cooperação é um exemplo de comportamento socialmente positivo e corrobora com o bem-estar dos membros do grupo (Palmieri & Branco, 2004), que tem como base o sentimento moral em se fazer o bem e aliviar o sofrimento dos outros (Lencastre, 2010). Deutsch (1949, citado por Palmieri & Branco, 2004), define cooperação como contexto em que ambos os participantes são favoráveis aos objetivos uns dos outros, ideia que pode ser complementada por Triandis (1991, 1995, citado por Palmieri & Branco, 2004) quando coloca que a cooperação é uma qualidade de grupos coletivistas. As normas e culturas de tais grupos têm como base a empatia e o reconhecimento do outro (Lencastre, 2010), bem como o respeito ao outro como condição (Camargo & Becker, 2012). Além disso, a cooperação está presente em vários grupos de animais, o que sugere que a seleção natural selecionou esse comportamento como importante para a sobrevivência (Alencar, 2011).

Sobre o assunto da seleção natural dos comportamentos cooperativos e altruístas, W. D. Hamilton (1963, citado por Lencastre, 2010), coloca que estes evoluíram com mais probabilidade em contextos de maior parentesco, ideia corroborada por Alencar (2011) ao colocar que o alto grau de parentesco traz benefícios mais óbvios à cooperação. É por isso que, novamente segundo Lencastre (2010), a empatia (que será muito explorada no presente artigo – bem como sua falta) e também a cooperação e o altruísmo são, em sua essência, ocorrências intra-grupais, o que significa, por um outro lado, que o ser humano tende a desenvolver uma moralidade neste pequeno grupo que seja de exclusão aos demais: a pressão evolutiva selecionou comportamentos cooperativos para sobrevivência e também instigou a discriminação contra os que não fazem parte de determinado grupo (Eibl-Eibesfeldt, 1989, citado por Lencastre, 2010), o que também pode ser caracterizado, segundo Deutsch (1949, citado por Palmieri & Branco, 2004) como um ambiente competitivo, sendo que agora os objetivos dos indivíduos não só não são os mesmos, como também podem ser conflitantes - afinal, pode ser que só existam batatas suficientes para alimentar um dos grupos. Fez-se necessário, portanto, a criação de uma abordagem matemática que tivesse como objeto de estudo a cooperação e também o conflito: à tal abordagem deu-se o nome de “Teoria dos jogos” (Neumann e Morgenstern, 2004, citado por Alencar & Yamamoto, 2008).

A Teoria dos jogos apresenta um dilema de interação entre os participantes, em que as ações podem ser cooperativas ou competitivas, sempre baseadas em um conjunto de regras. Um dos mais conhecidos exemplos é o “Dilema do prisioneiro”, desenvolvido por Hamilton e Axelrod nos anos 1980. Os dilemas revelaram que, utilizando-se das ações de cooperar ou trapacear, existe uma tática que coloca um tipo de jogador “acima” (com mais pontos) do que os

outros: o chamado “Olho-por-olho”, do inglês “Tit for tat”. A estratégia do Olho-por-olho é simples: começar cooperando e depois copiar a última ação daquele com quem está interagindo, o que demonstra gentileza no primeiro passo, além de transparência e perdão. (Alencar & Yamamoto, 2008). De forma mais resumida, a estratégia que, em teoria, mais arrecadará pontos, será a que coopera se o outro cooperar e trapaceia se o outro trapacear – por outro ponto de vista, podemos pensar em dar o que receber.

Lançada em 2004 sob autoria do músico espanhol Jorge Drexler, a música “Todo se transforma” exprime a ideia do “Tit for tat” em seu refrão: “Cada uno da lo que recibe / Y luego recibe lo que da / Nada es más simple / No hay otra norma / Nada se pierde / Todo se transforma”. A música corrobora com a afirmação de que existe uma interdependência pessoa-contexto, além de resumir muito bem a ideia de Palmieri & Branco (2004), baseados em outros teóricos, que colocam que o indivíduo se adapta a determinados contextos grupais que podem favorecer a competição ou a cooperação – portanto, um ambiente de alicerces cooperativistas tende a gerar mais ações pró-sociais, enquanto ambientes competitivos tendem a gerar mais comportamentos anti-sociais. Ainda segundo os autores, entende-se por comportamentos anti-sociais aqueles que são considerados socialmente negativos, baseados na hostilidade, agressividade e também o egoísmo, denunciando que o comportamento de trapaça pode ser uma má influência social (Alencar & Yamamoto, 2008).

Segundo Costa, (1989, citado por Santos, 2003), em uma cultura violenta, a péssima perspectiva do futuro está ligada à uma submissão do indivíduo ao “status quo” e sua oposição contra as mudanças que requerem atos pró-sociais de cooperação. A saída desse contexto competitivo para uma entrada em um contexto de interações pró-sociais pode ser encontrada na

“A evolução da confiança” – um jogo baseado em várias das informações acima expostas, criado por Nicky Case no ano de 2017. Segundo pesquisa de Ortiz-Ospina e Roser disponível no site Our World In Data, em 2014 apenas 6,53% dos brasileiros concordam com a afirmação de que a maioria das pessoas é confiável. O autor de “A evolução da confiança”, Case, aponta, baseado na teoria dos jogos, para 3 maneiras de se fomentar a evolução da confiança: a primeira delas é repetir interações – isso para que a confiança possa evoluir. Em segundo lugar, a possibilidade de interações Vence-vence: em que ambos os participantes possam ganhar, ao invés de um perder para outro ganhar. Em terceiro lugar, está reduzir as falhas de comunicação, que sem querer podem ser o estopim de uma cadeia de ações anti-sociais.

De acordo com Ferreira & Wendt (2016) o medo de sofrer violência é uma das principais características da sociedade contemporânea e ainda de acordo com Santos (2003) vivemos uma cultura da violência, expressa sobre um contexto de globalização com muitas mudanças e incertezas, no qual gera inseguranças e medo, com uma cultura ocidental tomada pelo individualismo, sendo tal cultura da violência expressa nos comportamentos sociais. Nesse sentido, Ferreira & Wendt (2016) apresentam que embora tais mudanças estejam interferindo para o crescimento da segurança na sociedade, os indivíduos nunca se sentiram tão inseguros como agora, em que as noções de comunidade antes expressas na Antiguidade Clássica e Idade Média foram invertidas na modernidade por uma supervalorização do indivíduo, que, através desse cenário, o Estado social, por meio do neoliberalismo, tornou a realidade excludente da proteção social estatal, gerando mais inseguranças nas pessoas. Sendo que, diante da cultura de violência expressa na sociedade, por conta da desigualdade social e da criminalidade, as pessoas, em frente a todo esse contexto de insegurança, buscam procurar maiores mecanismos de defesa,

como expresso por Pestana (2005, citado por Ferreira & Wendt, 2016): cidades construídas em uma “arquitetura do medo”, onde os indivíduos e instituições tomados pelo medo e insegurança, adaptam seus comportamentos, fortificando suas moradias com muros mais altos, sistemas de segurança e alarme, vigilâncias privadas e êxodo de zonas e regiões com alto índice de criminalidade, aumentando assim, a valorização dos famosos "condomínios fechados”, excluído as interações sociais entre as comunidades, enfraquecendo a identidade cidadã, segregando grupos sociais e gerando mais desconfiança, medo, e de nada contribuindo para o enfrentamento dessa violência.

Tendo em vista o individualismo, a cultura de medo e violência em nossa sociedade, Ferreira & Wendt (2016) afirma que ao invés de as pessoas promoverem o diálogo e a integração, o que se constrói na verdade são barreiras, obstáculos esses que corrobora para o enfraquecimento de laços comunitários, visando apenas à segurança individual. E isso, pode envolver tanto na busca da integração social como enfrentamento (Ferreira & Wendt, 2016) como também na busca pelo desenvolvimento de comportamentos pró-sociais ou empáticos em uma sociedade marcada pelo individualismo, cultura da violência e medo.

Segundo Santos et al, (2020) a alimentação adequada é um direito humano garantido que foi assegurado através da Declaração Universal dos Direitos Humanos, estabelecido inicialmente em 1948, porém, é fato que a fome ainda é um dos grandes problemas sociais que assolam o mundo todo. De acordo com a Organização das Nações Unidas estima-se que aproximadamente mais de 811 milhões de pessoas sejam afetadas pela fome ao redor de todo o planeta. Ou seja, percebe-se que atualmente, mesmo sendo um direito do ser humano, grande parte da população não tem acesso básico à alimentação (UNICEF, 2021), e milhares de pessoas acabam se

encontrando em situações de extrema pobreza e escassez. Rosaneli et al (2015) afirmam que em decorrência da fome, as pessoas que são atingidas por essa problemática acabam por enfrentar problemas de desenvolvimento físico, mental e social, vendo-se obrigadas a recorrerem a outras alternativas para poderem lidar com a fome - como por exemplo, passar a ver o lixo como uma opção de alimento viável a fim de sobreviverem.

Paralelamente à fome, o desperdício de alimentos está presente em grande parte da população mundial, onde, de acordo com a Food and Agriculture Organization of the United Nations (citado por Santos et al, 2020) o Brasil, por exemplo, se figura no ranking dos 10 países que mais desperdiçam comida no mundo, sendo responsável por descartar mais de 30% dos alimentos que são produzidos. Tudo isso enquanto grande parte da população se encontra em situação de grande miséria. É fato também que existe a outra grande parcela da população que, de acordo com Freire Júnior & Soares (2017, citado por Santos et al, 2020), desperdiçam grande parte dos alimentos que não foram consumidos ainda, corroborando para que as taxas de desperdício se façam maiores ainda, sendo esse descarte de comida feito por famílias e pessoas com boa renda que compram além do necessário: resultando em uma grande quantidade de lixo gerada no fim.

Diante daquilo que foi exposto acima, pode-se compreender melhor o contexto atual da fome no mundo, onde as pessoas em situações precárias precisam ir ao extremo de seu extinto de sobrevivência para não morrerem de fome. Uchôa (2017) afirma que o canibalismo mesmo sendo visto como repugnante perante a sociedade, nós estamos fadados a funcionar como presas e/ou predadores a partir do contexto no qual estamos inseridos e do que a situação que estamos vivendo requer de nós. Então, fica claro o porquê os indivíduos são levados ao extremo do

instinto de sobrevivência, como dito anteriormente, juntamente com o desespero vêm o principal: a fome. A fome que transforma, desespera e muda o indivíduo.

O Poço (2019), filme de ficção científica, ilustra a condição de prisioneiros que são expostos a um contexto em que a empatia (ou a falta dela) determina a sobrevivência, caracteriza o medo da fome, condiciona a violência e problematiza a condição de cooperação possível entre os indivíduos. Nesse sentido, o presente trabalho se justifica tendo em vista a importância da investigação da empatia como intermédio das relações humanas, investigação esta, que está relacionada à análise dos conceitos supracitados para o convívio social e a sobrevivência humana nas sociedades. Tendo em vista que o convívio em sociedade possui diversos desdobramentos e consequências, produtos das interações humanas, entre eles, a violência, medo, cooperação, sobrevivência e empatia. Assim, espera-se com este trabalho, poder contribuir para melhor localizar a importância da empatia como enfrentamento das adversidades sociais, e relacionar essa temática à obra “O Poço”, que se torna um material de importante análise a retratar os alguns obstáculos das interações humanas.

Como objetivo geral, este trabalho procura analisar como a empatia se apresenta através das cenas do filme "O Poço" e como esse conceito se relaciona com as condições dos personagens em um contexto de sobrevivência e medo da fome, entre outras condições nem sempre pró-sociais.

Método

O presente estudo teve como base a utilização do filme “O Poço”, lançado em 6 de setembro de 2019, dirigido por Galder Gaztelu-Urrutia. Assim, a obra inteira se passa em um único ambiente, uma prisão vertical, com celas dispostas uma em cima da outra, com um buraco

quadrado no centro do teto (com visão para a cela de cima) e um buraco quadrado no centro do chão (com visão para a cela de baixo), contendo apenas 2 camas e uma pia com torneira de água e espelho. Os prisioneiros são colocados em dupla em cada cela, e os buracos no chão e no teto possuem a função de permitir a passagem de uma plataforma de comida. Por se tratar de uma ficção científica, a plataforma desce e sobe sem nenhum mecanismo aparente de funcionamento, entretanto, a plataforma segue uma ordem descendente com a comida, onde, conforme desce, os prisioneiros possuem um tempo para comer, e não podem guardar nenhuma comida consigo. Depois de 30 dias, cada dupla acordará em outro nível, escolhido de forma totalmente aleatória.

Participantes

Todos aqueles que entram no Poço, recebem da administração um novo nome. Além disso, todos utilizam as mesmas vestes: uma camisa de botão e uma calça, ambos marrons.

Goreng (Ivan Massagué) – Possui cabelos e olhos castanhos, além de cavanhaque, sua pele é branca e aparenta idade próxima aos 40 anos. É o personagem principal do filme e sua personalidade no início da jornada é de um homem calmo e reflexivo, com um senso de justiça como instinto. No decorrer de sua adaptação ao ambiente, sua personalidade revela algumas semelhanças com Dom Quixote (protagonista do romance de Cervantes, objeto escolhido por Goreng para levar ao poço), além de ser chamado de Messias por alguns personagens, tendo em vista sua pretensão principal de cooperação, partilha e disseminação da bondade.

Trimagasi (Zorion Eguileor) - Possui cabelos brancos e olhos castanhos, aparenta idade próxima aos 70 anos e sua pele é branca. Trimagasi é o primeiro companheiro de cela de Goreng.

Não tem compaixão aos que estão abaixo e sempre busca sair vencendo em suas relações. O objeto que levava ao Poço é uma faca que se afia sozinha, chamada de “Samurai Plus”.

Imogiri (Antonia San Juan) – Possui cabelos longos castanhos e olhos também castanhos, pele branca, aparenta idade próxima aos 50 anos. A personagem apresenta um forte senso de justiça e age sempre baseada em atitudes pró-sociais. Seu objetivo principal é instigar a cooperação coletiva e espontânea, tentando o contato com as pessoas abaixo e preparando refeições sem desperdício. Decidiu entrar no Poço depois de descobrir um câncer em fase terminal. Levou consigo seu cachorro: um Dachshund chamado Ramsés II, seu fiel companheiro.

Baharat (Emilio Buale) – Aparenta idade próxima aos 40 anos, é careca e possui olhos castanhos, sua pele é negra. Baharat é o terceiro e último parceiro de nível de Goreng, quando ambos acordam no nível 6. Baharat tem um forte anseio de mudança, e seu principal objetivo é conseguir escapar subindo até o nível mais alto – utilizando-se, para tanto, de seu objeto: uma corda. Assim que conheceu Goreng e seus ideais de mudança, acatou a ideia com fervor e passaram a formar uma dupla. Baharat usa de sua grande força física como forma de “convencimento” de tais ideais.

Procedimentos

Com a finalidade de analisar o conteúdo do filme “O Poço”, o presente trabalho dedicou-se a observar e analisar três categorias de comportamento que estão presentes nas partes “chave” do longa-metragem. As categorias de comportamento exprimem as ações dos personagens centrais e suas significações; Empatia, Cooperação e Violência. Além disso, existem três subcategorias para a cooperação - cooperação não-gratuita, cooperação espontânea e

cooperação “Tit for tat” ou “olho-por-olho”. Existem outras quatro subcategorias para violência: negligência/abandono, violência estrutural, violência psicológica e violência física.

Tais categorias e subcategorias foram escolhidas por representarem a trama principal do filme. A empatia, tema central da investigação, será analisada no contexto das inter-relações entre os personagens (bem como a falta de empatia), e suas consequências em cadeia. A cooperação ganha espaço no filme e no ambiente do Poço, ainda que este seja um ambiente competitivo e hostil - e sua análise levará à compreensão de seu poder de mudança do “status quo”. A violência (tanto de negligência/abandono, como psicológica e física) aparecem no relato hora como forma de manutenção do “status quo” e hora como instrumento de mudança. Sua análise também levará à melhor compreensão do contexto geral da trama: pautada no medo, sobrevivência e fome, que também serão abordados nos resultados e discussões, com vistas à maior abrangência da análise.

Categorias de comportamento

Empatia

Uma pessoa empática é aquela capaz de compartilhar emoções sentidas por outra pessoa, além de atribuir atitudes e comportamentos ao outro com a função de ajudar, agregar e cuidar de outrem dentro de um sistema comum de justiça e solidariedade (Formiga, 2016). Podem ser exemplos comportamentais de empatia: a demonstração de interesse do indivíduo por conhecer outra pessoa pela observação direta ou indireta, buscando destacar similaridades ou diferenças, por meio de perguntas verbais diretas (Sampaio et al., 2009); o processo de imitação de gestos físicos, por um processo de imitação de expressões literais verbais; a atitude em defender outra

pessoa, em sua integridade física e emocional; a defesa de uma causa ideológica, em que o indivíduo assimila pautas de um coletivo maior por entender que será favorecido por seu comportamento pró-social (Depow et al., 2020).

Cooperação

Cooperação não-gratuita: o indivíduo concorda em cooperar com o outro, desde que isso lhe traga algum benefício que o aproxime de seu objetivo. É muito comum que haja o estabelecimento de alguma regra norteadora, como: ajudar na medida em que é ajudado. A ação envolve o estabelecimento de uma cooperação (ou sua garantia) anterior por parte da outra pessoa como pré-requisito: depois do outro cooperar (ou garantir que vai cooperar) é que o cooperador não-gratuito vai fazer sua parte. É muito comum em casos de desconfiança ou entre recém conhecidos; um só entrega as compras se o outro pagar à vista, ou, um só apresenta seu nome se o outro o fizer primeiro.

Cooperação espontânea: baseada na empatia e no altruísmo, essa forma de cooperação não estabelece nenhuma condição ou benefício recebido para cooperar. É muito comum que esteja ligada às boas ações e tem por finalidade que todos alcancem seus objetivos. Podem ser exemplos de cooperação espontânea aquelas atitudes de caridade que não esperam nenhum tipo de recompensa, como a distribuição de alimentos para aqueles que estão em condição de privação de alimento.

Cooperação “Tit for tat” ou “olho-por-olho”: Segundo Alencar e Yamamoto (2008), a estratégia olho-por-olho é a mais vantajosa na Teoria dos Jogos. Trata-se de começar cooperando, demonstrando gentileza, e em seguida retribuir as ações do outro - respondendo trapaça com trapaça e cooperação com cooperação. Ainda segundo os autores, essa forma de

conduta também demonstra transparência e capacidade de perdão. A maior diferença entre a presente subcategoria e a cooperação não-gratuita é que a estratégia do “olho-por-olho” presume a primeira ação como cooperativa em todos os casos, sem pré-requisito. Pode ser um exemplo o caso de um vendedor que em um primeiro momento aceita fazer uma venda “fiada” a um novo cliente, e baseado nas próximas atitudes vai julgar a possibilidade de nova ocorrência deste tipo de venda para aquele cliente.

Violência

Negligência/Abandono: Defini-se como omissão de cuidados básicos e promoção de necessidades relacionadas ao desenvolvimento emocional, físico e social de uma pessoa, pode ser caracterizada por falta de cuidados necessários com a saúde, descuido com a higiene, privação de medicamentos, ausência de proteção contra as inclemências do meio, como o frio e o calor, sendo o abandono uma forma extrema de negligência (Ministério da Saúde, 2016)

Violência Estrutural: Está relacionada e se aplica às estruturas organizadas como família, sistemas econômico, político ou cultura que produzam uma opressão a um grupo, classe, nação ou indivíduo, negando-se conquistas humanas e sociais, tornando-se vulnerável à morte e ao sofrimento (Minayo, 1994).

Violência Física: São comportamentos que fazem uso intencional e não acidental da força física para ferir, lesar, provocar dor, sofrimento ou destruir uma pessoa, no qual são exemplos, como chutes, tapas, beliscões, empurrões, arremesso de objetos, torções, estrangulamentos, perfurações, queimaduras, mutilações, ferimentos por arma branca ou de fogo (Ministério da Saúde, 2016)

Violência psicológica: Segundo o Ministério da Saúde (2016) a violência psicológica é caracterizada como toda forma de depreciação, desrespeito, discriminação, rejeição, cobrança exagerada, uso da pessoa para atender a necessidades de outro e punição humilhantes que causem risco ou dano à identidade e autoestima de outra pessoa. São apresentadas por meio de insultos, comportamentos que causem constrangimento e ameaças.

Resultados e Discussão

Cena 1 (00:01:35 - 00:09:30)

Análise da *empatia*

A empatia é evidenciada nesta cena por meio da interação entre os personagens, com Goreng demonstrando interesse por conhecer Trimagasi pela observação direta e indireta, buscando destacar similaridades ou diferenças entre seus comportamentos, conforme é preconizado por Sampaio et al. (2009). Ademais, também é possível identificar Goreng observando os limites físicos do ambiente compartilhado, visualizando os detalhes da fisionomia de Trimagasi, e buscando estabelecer algum juízo sobre se a presença do interlocutor é uma ameaça ou não a sua própria integridade (Depow et al., 2020).

Em seguida Goreng avança empaticamente por meio de perguntas verbais diretas, de modo a colher e trocar informações úteis a si mesmo, provenientes de Trimagasi, em um exercício de compartilhamento de comportamentos e trocas indicado por Formiga (2016). Além disso, ocorre a falta de empatia, já que Goreng não imita o gesto físico de se alimentar de Trimagasi, uma vez que julga a conduta de Trimagasi como "nojenta" ou "não pró-social" (Depow et al., 2020). Nesta cena ainda é possível observar a empatia pelo processo de

imitação de expressões literais verbais, já que Goreng assimila e reproduz o jargão idiomático de Trimagasi ("Óbvio") para os efeitos da conversa comum (López et al., 2014).

Análise da cooperação não-gratuita

Diante do exposto, pode-se melhor compreender o contexto de “O Poço”: uma grande cadeia (ambos os sentidos da palavra) de interações de trapaça e competitividade que tornam o ambiente hostil e que não tende à cooperação - um ambiente que não tende, portanto, à mudança - e Trimagasi é um dos garantidores dessa não mudança do “*status quo*”. Seu pensamento em partes vai de encontro à resolução de Quincas Borba de que a guerra seria a conservação, tendo em vista que (ao seu ver pessimista) só há “batatas” para uma das tribos: aos de baixo, ódio; aos de cima, “as batatas”.

Conforme a cena 1, não existe “cooperação gratuita” por parte de Trimagasi - ao invés de dar o que recebe, Trimagasi vai dar informações na medida em que recebe. Ainda que não seja espontânea, essa forma de cooperação pode estar relacionada ao conceito de Deutsch (1949, citado por Palmieri & Branco, 2004), que define a cooperação como um contexto em que os participantes são favoráveis aos seus objetivos - no caso em questão, ainda que cada um esteja buscando seu próprio objetivo (conseguir informações), eles não são conflitantes. Também pode-se observar a ocorrência de um comportamento apontado por Lencastre (2010), de que atitudes altruístas e cooperativas são essencialmente intra-grupais e de exclusão dos demais - tendo em vista que essa cooperação não-gratuita proposta por Trimagasi é somente à Goreng, seu parceiro de cela, e a mais ninguém. Além disso, o contexto da cena mostra ao telespectador o que já fora afirmado por Palmieri & Branco (2004), que o ambiente

competitivo tende a gerar mais ações anti-sociais - pior do que a comida chegou, pior vai baixar aos demais.

Análise da Violência Estrutural e Negligência

Através da cena, nota-se as condições de violência na qual os prisioneiros estão, podendo ser caracterizada pelas condições de negligências e violência estrutural. Nesse sentido, a negligência se apresenta pela omissão do cuidado com a saúde, tendo em vista que o alimento que os prisioneiros estão recebendo se trata das sobras, e por isso acaba tanto proporcionando um impacto emocional nos personagens como também ameaça a segurança alimentar e à higiene dos indivíduos. Além disso, há punição (através do aumento ou diminuição extrema da temperatura) para com os prisioneiros caso eles guardem o alimento, o que caracteriza-se como um tipo de violência estrutural por se tratar de um ato praticado pela organização do poço para com os prisioneiros, violando fisicamente estes.

Segundo Ferreira & Wendt (2011), uma das causas da violência é a desigualdade social e sendo assim, é possível de observar que toda a organização e a forma como o poço funciona, representa uma certa desigualdade, tendo em vista, por exemplo, a diferença da quantidade de alimento entre os níveis mais baixos com os níveis mais altos. Nesse sentido, a estrutura organizacional do poço propicia um ambiente de extrema hostilidade, marcada pela negligência e violência estrutural, no qual naturaliza e corrobora para uma cultura de violência estrutural.

Cena 2 (00:42:20 - 00:48:46)

Análise da *empatia*

A empatia é evidenciada na cena 2 por meio da interação entre os personagens, com Goreng demonstrando interesse por conhecer Imogiri pela observação direta e indireta, buscando destacar similaridades ou diferenças entre seus comportamentos (Sampaio et al., 2009). Em seguida, os personagens estabelecem diálogos em que suas noções de empatia são trocadas por meio de perguntas verbais diretas, de modo que ambos conhecem e trocam informações que permitam considerar o juízo moral, um do outro, com relação ao funcionamento real e potencial da prisão, em que é retomada a concepção de Oliveira Falcone et al. (2008) acerca da *tomada de perspectiva* como um dos fatores representativos da estrutura interna do conceito de empatia.

Além disso, é possível verificar a empatia no comportamento de Imogiri, para com os demais prisioneiros abaixo, na medida em que ela separa sua quantidade de comida para si e para seu cão sem utilizar mais do que sua ração diária, isto é, sem comer a porção provisionada aos demais prisioneiros (Duan & Hill, 1996, citado por Sampaio et. al 2009). Entretanto, neste mesmo aspecto, Goreng demonstra falta de empatia pelo comportamento de Imogiri, comendo o quanto lhe pareça suficiente, de modo a preservar o seu bem-estar subjetivo, mesmo que em detrimento do comportamento pró-social no contexto da vida cotidiana coletiva (Depow et al., 2020).

Ademais, ao final da cena, é possível considerar que a ameaça de Goreng às pessoas do nível abaixo radicaliza a noção de empatia e cooperação para o limiar da coerção violenta por meio da atitude em defender Imogiri em seu ponto de vista pró-social. Assim, Goreng é movido por elementos empáticos que compartilham as emoções sentidas por sua relação com

Imogiri, na medida de incitar atitudes e comportamentos aos outros prisioneiros com a função de ajudar, agregar e cuidar de outrem dentro de um sistema comum e maior de justiça e solidariedade (Formiga, 2016).

Análise da cooperação espontânea

“O Poço” revela ao espectador um contexto em que os recursos são suficientes para que todos consigam sobreviver, conforme fala da personagem Imogiri: “Se todo mundo comesse só o que precisa, a comida chegaria ao nível mais baixo”. Não obstante, a guerra pelas “batatas” (retomando Quincas Borba) continua – e é uma guerra muito perigosa. No entanto, essa mesma personagem acredita conhecer qual seria a resolução para esse problema: a cooperação espontânea.

Diferentemente de Trimagasi, Imogiri acredita que a paz é o sinônimo de conservação, em detrimento da guerra. Sua conduta, portanto, está de acordo com a afirmação de Alencar (2011), quando cita que o comportamento cooperativo é importante para a sobrevivência e por isso fora selecionado pela seleção natural, além de estar em conformidade com Lencastre (2010) quando caracteriza o comportamento pró-social com base em fazer o bem e aliviar o sofrimento do outro.

Análise da Violência Psicológica

Com isso, o comportamento de Goreng representa bem um tipo de violência, caracterizada como violência psicológica ou moral, tendo em vista que tanto o ato de xingar

uma pessoa tem o intuito de intimidá-la, a fim de com isso, obter maior êxito na ameaça.

Nesse sentido, a ameaça de Goreng está na intenção de defecar na comida, caso não haja a colaboração dos prisioneiros abaixo. Há culturalmente repulsa quanto a alimentação de fezes humanas, tido com algo nojento socialmente, assim, o ato de comer fezes pode ser considerado como um dano psicológico ao indivíduo, transformando-se em ameaça a partir do momento em que a pessoa sofre coerção entre colaborar com o proposta ou comer as fezes.

Segundo Ferreira & Wendt (2016) uma medida de enfrentamento para a cultura da violência, que também pode ser observada no filme, seria de que as pessoas promovessem um diálogo e integração, que de acordo com o autor, não acontece em nossa sociedade, e por consequência disso, acaba enfraquecendo laços comunitários. Nesse sentido, Ferreira & Wendt (2016) afirmam que a causa desse enfraquecimento acontece por barreiras relacionadas ao desejo de segurança apenas individual. Sendo assim, no filme, o contexto e a organização acabam por naturalizar a valorização da segurança apenas de cada um, servindo como barreiras para o diálogo e integração e promovendo comportamentos de ameaça para com a segurança do outro, como no caso, gerando uma insegurança psicológica.

Cena 3 (01:12:00 - 01:23:20)

Análise da *empatia*

A empatia é explorada desde o início do relacionamento dos personagens Goreng e Baharat, na medida que a empatia é vista como um construto que reflete respostas afetivo-cognitivas ligadas a situações específicas, sendo, portanto, mais disposicional do que constitucional (Duan & Hill, 1996, citado por Sampaio et. al 2009). Assim, movidos pela

disposição dos personagens em levar alimento a todos e, ao final, subir para o nível zero, a empatia é explorada por meio do comportamento pró-social no contexto da vida cotidiana e ao bem-estar subjetivo não apenas voltado a ambos personagens, como também destinado ao bem maior de toda a coletividade de prisioneiros (Depow et al., 2020).

Nesse sentido, a cena ainda explora condições de falta de empatia entre companheiros de cela, com cenas que remetem a debilidades morais, como o egoísmo e avareza de prisioneiros no tratamento entre si, evidenciando a não representação ou não afetação de sentimentos do seu semelhantes através dos elementos de percepção de um para com o outro (Decety & Jackson, 2004; Preston & De Waal, 2002 citado por Sampaio et al. 2009). Ao fim, o encontro dos personagens com a menina, que aparenta estar alimentada e saudável, evidencia que o sistema de "solidariedade espontânea" anunciado por Imogiri teria sido possível, na medida de uma empatia coletiva dos prisioneiros, ainda que inconsciente, em "atribuir atitudes e comportamentos ao outro com a função de ajudar, agregar e cuidar de outrem dentro de um sistema comum de justiça e solidariedade" (Formiga, 2016).

Análise da cooperação “Tit for tat” ou “olho-por-olho”

Baharat e Goreng passam a acreditar em uma nova forma de tornar a mudança do “status quo” possível: orientados por “um sábio”, que lhes ensina a importância de iniciar as interações com gentileza, passam a utilizar o comportamento da cooperação “Tit for tat” ou “olho-por-olho”. Esse comportamento é evidenciado quando primeiramente Baharat apresenta muita gentileza e polidez, inclusive chamando aqueles que estão naquele nível por “amigos”. Frente a situações de não cooperação, como o caso das pessoas que querem mais comida ou se

aproximam da plataforma, Baharat e Goreng não retribuem com cooperação, mas com violência.

Tal conduta está relacionada com a resolução de “A evolução da confiança”, de Nicky Case (2017), quando afirma que a Teoria dos Jogos ensina que um ambiente que permite a confiança e estimula a cooperação é baseado em três preceitos fundamentais - desses preceitos, dois podem ser observados na cena: i) Promover a possibilidade de interações em que ambos participantes saem ganhando: quando explicam que a revolução ajudará a todos e ii) Quando tentam reduzir as falhas de comunicação: explicando calma e gentilmente a ideia da revolução em curso. Essa forma de cooperação certamente está ligada ao sucesso e manutenção do fazer da mudança do “status quo”, também se considerando o fato de que, antes, a primeira interação entre os prisioneiros era de trapaça.

Segundo Costa (1989, citado por Santos, 2003), a submissão do indivíduo a esse “status quo” em um ambiente de medo, vai contra mudanças que requerem atos pró-sociais, o que pode ser observado nas partes em que ocorre não cooperação por parte de alguns prisioneiros. No entanto, outro ponto também pode ser observado: agora são os atos pró-sociais de cooperação que inferem e permitem a mudança que possivelmente há de transformar o ambiente hostil em um ambiente que promova a cooperação, exaltando a importância desse tipo de ação para a mudança do contexto, o que leva o telespectador não só a uma reflexão crítica sobre os sistemas, mas também sobre o próprio indivíduo.

Análise da *Violência Física*

A presente cena é bastante representativa do comportamento de violência física, tendo em vista que esfaquear, socar, derrubar e até consequências extremas como a morte, se caracterizam como danos à pessoa e à vida. Nesse sentido, o poço acaba se tornando um ambiente extremamente hostil, onde já não bastando a violência estrutural e a situação de negligência e abandono no qual os prisioneiros se encontram, a violência psicológica e física são comportamentos que, embora como afirmado por Santos (2003) como sociais, não caracterizam-se como pró-sociais. Assim, tais comportamentos pró-sociais, segundo Ferreira & Wendt (2016), são aqueles que servem - por meio da integração social - como medida de enfrentamento da violência, o que não acaba sendo o caso da cena.

Além disso, de acordo com Ferreira & Wendt (2016) o medo de sofrer violência é uma dos maiores problemas da sociedade contemporânea, levando aos indivíduos a adotarem diversos mecanismos de defesas, que possam diminuir a sensação de insegurança. Nesse sentido, é possível de se observar essa imagem também no filme, onde diante do ambiente que ameaça a integridade física, psicológica e a vida dos prisioneiros, o que se vê por conta disso, são os atos e comportamentos violentos com vista a eliminar a insegurança, mas que acabam promovendo mais e mais violência.

Considerações Finais

Com base nos resultados obtidos através das literaturas científicas e análises descritas anteriormente, este trabalho teve o intuito de compreender as relações de empatia humana diante de situações precárias de sobrevivência, através da análise da obra cinematográfica “O Poço”.

Assim, pode-se afirmar que a pesquisa acima cumpre seu papel no requisito proposto, visto que o filme tem como uma das representações principais a fome e, como as relações humanas se desenvolvem nesse significativo contexto, observa-se a necessidade de lutar pela sobrevivência como realidade para todas aquelas pessoas que se encontram presas nessa cadeia vertical. Desse modo, com recursos escassos por conta do egoísmo de outros prisioneiros, o protagonista precisa fazer o *inimaginável* para que seja possível sobreviver. Assim, a problemática proposta foi exatamente a de colocar a empatia humana à prova mesmo em contextos onde o senso de humanidade e de cooperação praticamente são inexistentes.

Durante a produção do artigo, as reflexões demonstraram enorme relevância social, tendo em vista que o tema extrapola o contexto do filme e atinge toda a sociedade. Acontece que, no sentido figurado, a comida representa recursos no geral: alimentação e também outras condições básicas e direitos (que deveriam ser) inalienáveis, como educação, saúde, segurança, dentre outros - o que exprime a importância da empatia e da cooperação entre as pessoas, bem como na política, para que exista a garantia desses direitos e sua manutenção a todas as pessoas.

Tendo em vista, portanto, que o longa-metragem pode ser analisado não só sob uma perspectiva de crítica aos sistemas, mas também ao próprio indivíduo, há de se reconhecer que este pode ser um ponto de partida que tange várias áreas da sociedade. Ocorre, por consequência, que esse estudo tem, em sua possibilidade e à sua disposição, várias áreas do conhecimento como fonte de estudo e discussão. Dentro das várias áreas de conhecimento, a Psicologia pode ter o seu lugar de destaque - afinal, a investigação principal sobre a empatia como intermédio das relações humanas está diretamente ligada a este campo do saber, além de que, como pode-se perceber, o filme também versa sobre uma crítica ao próprio indivíduo. Nesse debate, há de se

considerar, portanto, a relevância mostrada e demonstrada pelo presente trabalho de um princípio cooperativo entre duas pessoas. Um princípio que deve ser, por consequência, de acolhimento: independente da abordagem teórica, há de se exaltar a abordagem prática como empática em todos os casos.

Não obstante, há que se considerar um possível agravante de importância futura a esses tipos de estudos, tendo em vista que é possível considerar que alguns recursos básicos possam ser disputados dentro de alguns anos à frente. Assim, o tema da escassez é transversal à empatia e cooperação humanas na medida em que temas como a escassez de água, mudança dos ecossistemas devido à poluição e condições de segurança alimentar são sensíveis à manutenção da existência humana.

Por fim, conclui-se que “O Poço” se mostra ao telespectador como um lugar completamente hostil e cruel, onde nenhuma das circunstâncias facilitou o desenvolvimento das relações interpessoais, visto que a violência estrutural também colaborou para que o egoísmo e a individualidade reinasse entre os personagens. Dessa forma, as ações empáticas, cooperativas, voluntárias e espontâneas, mostram-se parcialmente nulas até que alguém tenha condições materiais minimamente possíveis, aliado ao senso crítico, para sugerir novas formas de coexistência, certo de que, se não houver a mudança do “status quo” de um ambiente competitivo para um ambiente cooperativo, sempre há de existir um andar de cima e um andar de baixo; e nesses casos - parafraseando Quincas Borba: ao de baixo, ódio ou compaixão; ao de cima, as batatas.

Referências Bibliográficas

- Alencar, A., & Yamamoto, M. E. (2009). A teoria dos jogos como metodologia de investigação científica para a cooperação na perspectiva da psicologia evolucionista. *Psico*, 39(4), pp. 522-529.
- Alencar, A. I. (2010). Cooperação entre os humanos: quatro razões para sua existência. *Carpe Diem: Revista Cultural E Científica Do UNIFACEX*, 9(1). Recuperado de <https://periodicos.unifacex.com.br/Revista/article/view/99>
- Azevedo, S. M. L. D., Mota, M. M. P. E. D., & Mettrau, M. B. (2018). Empatia: perfil da produção científica e medidas mais utilizadas em pesquisa. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 9(3), 03-23.
- Camargo, L. S. & Becker, M. L. R. (2012). O percurso do conceito de cooperação na epistemologia genética. *Educação & Realidade* v. 37(2), pp. 527-549.
- Case, N. (2017). A evolução da confiança [traduzido por Emerson Rocha]. Disponível em: <https://confianca.etica.ai/>
- de Assis, M. (2019). Quincas Borba. L&PM.
- Depow, G. J., Francis, Z., & Inzlicht, M. (2020). The experience of empathy in everyday life. *Psychological Science*, 0956797621995202.
- Drexler, J. (2004). Todo se transforma [Tudo se transforma]. In *Eco* [CD]. Jorge Drexler.

- Ferreira, C. F. & Wendt, V. P. C. (2016). Segregação Humana, Cultura do Medo e Sociedade de Consumo. *Revista de Direito, Globalização e Responsabilidade nas Relações de Consumo*, 2(1), 1-15.
<http://dx.doi.org/10.26668/IndexLawJournals/2526-0030/2016.v2i1.673>.
- Formiga, N. S. (2016). Verificação de um modelo teórico entre a empatia, socialização ética e orientação cultural em jovens brasileiros. *Actualidades en Psicología*, 30(120), 97-112.
- Gaztelu-Urrutia, G. (Diretor). (2019). *O Poço* [Filme]. Netflix.
- Lencastre, M. P. A. (2010). Bondade, Altruísmo e Cooperação. Considerações evolutivas para a educação e a ética ambiental. *Revista Lusófona de Educação*, 15(15).
- López, M. B., Arán Filippetti, V., & Richaud, M. C. (2014). Empatía: desde la percepción automática hasta los procesos controlados.
- Minayo, M. C. S. (1994). Violência social sob a perspectiva da saúde pública. *Cadernos de Saúde Pública*, 10(1), pp. S7-S18. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1994000500002>
- Ministério da Saúde (2016). Viva: instrutivo notificação de violência interpessoal e autoprovocada (2ed). Ministério da Saúde.
https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/viva_instrutivo_violencia_interpessoal_autoprovocada_2ed.pdf
- Oliveira Falcone, E. M., Ferreira, M. C., Luz, R. C. M., Fernandes, C. S., Assis Faria, C., D'Augustin, J. F., & Pinho, V. D. (2008). Inventário de Empatia (IE): desenvolvimento e

- validação de uma medida brasileira. *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment*, 7(3), 321-334.
- Ortiz-Ospina, E., & Roser, M. (2016) - "Trust". Publicado online em OurWorldInData.org. Obtido em: '<https://ourworldindata.org/trust>' [recurso online]
- Palmieri, M. W. A., & Branco, A. U. (2004). Cooperação, competição e individualismo em uma perspectiva sócio-cultural construtivista. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(2), pp. 189-198.
- Rodrigues, M. C., Peron, N. B., Cornélio, M. M., & de Rezende Franco, G. (2014). Implementação e avaliação de um Programa de Desenvolvimento da Empatia em estudantes de Psicologia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 14(3), 914-932.
- Rosaneli, C. F., Ribeiro, A. L. C., Assis, L. de, Silva, T. M. da, & Siqueira, J. E. de. (2015). A fragilidade humana diante da pobreza e da fome. *Revista Bioética*, 23(1), 89–97. <https://doi.org/10.1590/1983-80422015231049>
- Sampaio, L. R., Camino, C. P. D. S., & Roazzi, A. (2009). Review of the conceptual, theoretical and methodological aspects of empathy. *Psicologia: Ciencia e Profissao*, 29(2), 212.
- Santos, K. L. dos, Panizzon, J., Cenci, M. M., Grabowski, G., & Jahno, V. D. (2020). Perdas e desperdícios de alimentos: reflexões sobre o atual cenário brasileiro. *Brazilian Journal of Food Technology*, 23. <https://doi.org/10.1590/1981-6723.13419>

Santos, L. O. (2003). O medo contemporâneo: abordando suas diferentes dimensões. *Psicologia: ciência e profissão*, 23(2), 48-49.

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000200008
&lng=pt&tlng=pt.](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000200008&lng=pt&tlng=pt)

Uchôa, C. (2017). As contradições da sobrevivência humana. *Ide*, 40(64), 55-66.

[https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062017000200005
&lng=pt&tlng=pt.](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062017000200005&lng=pt&tlng=pt)

UNICEF (2021). Relatório da ONU: ano pandêmico marcado por aumento da fome no mundo.

[https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/relatorio-da-onu-ano-pandemico
-marcado-por-aumento-da-fome-no-mundo#:~:text=No%20geral%2C%20mais%20de%20
02.nos%20cinco%20anos%20anteriores%20combinados](https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/relatorio-da-onu-ano-pandemico-marcado-por-aumento-da-fome-no-mundo#:~:text=No%20geral%2C%20mais%20de%202.nos%20cinco%20anos%20anteriores%20combinados)